



## 7º Domingo da Páscoa (08/05/2005)

### 1ª leitura – Ezequiel 39.21-29 (1ª opção)

Na condição de profeta, Ezequiel tenta interpretar as causas do exílio do povo de Deus na Babilônia. Fiel à aliança, sua interpretação identifica, ele não hesita em afirmar que o exílio foi consequência das próprias contradições internas geradas entre o povo de Deus “por sua maldade”, ou “iniquidade” (v.23), o que equivale a dizer “quebra da aliança”. Quando o povo se afasta dos propósitos de Deus atrai castigo para si mesmo, não porque Deus castigue ativamente, mas porque “esconde deles sua face” (v.23).

Porém, algo digno de nota nos textos proféticos é que todas as vezes em que o pecado do povo é denunciado, sempre lemos a seguir alguma promessa de restauração. Isso porque Deus é fiel e, por esta razão, se compadece da casa de Israel e promete o retorno dos exilados (v.25). Essa recondução será interpretada como um novo êxodo “saberão que eu sou Iahweh, por tê-los conduzido entre as nações e por reuni-los de novo em sua terra...” (v.26). O caráter do Deus que se revelou no passado é o mesmo – o Deus Libertador, o Deus da justiça.

Mas aqui aparece um novo dado na revelação – dessa vez, Deus promete derramar o seu Espírito sobre a casa de Israel (v.29). Estamos já vivendo o tempo de preparação de Pentecostes, e pela primeira vez ouvimos a promessa da dádiva do Espírito. É o mesmo Espírito que habitou em Jesus e que será enviado à Igreja. (Rev. Carlos Eduardo B. Calvani)

### Primeira lição: Atos 1.8-14 (2ª opção)

O trecho selecionado pressupõe a festa da Ascensão do Senhor, celebrada na quinta feira passada. Estamos na introdução do livro de Atos, onde o autor apresentará o plano seqüencial de sua narrativa, destacando o início da expansão cristã pelo mundo sob o poder do Espírito Santo. A ascensão do Senhor não significa ausência, mas nova qualidade de sua presença. Agora é o Cristo ressuscitado, reconhecido plenamente como Senhor e Deus que pode habitar onipresentemente na vida da Igreja através do seu Espírito. O Espírito Santo é o Espírito de Cristo, e este é o modo da habitação atual do Cristo ressuscitado com sua Igreja.

A promessa do envio do Espírito não é para mero consolo da Igreja ou para que esta fique esperando, passivamente, o retorno do Senhor e o estabelecimento do Reino. O Espírito prometido fará da Igreja uma comunidade dinâmica (“*dynamis*” – “poder”- “recebereis poder...”, v.8). Esse dinamismo se expressa no testemunho de Jesus em palavras e atos a todas as culturas. O texto apresenta a progressiva extensão da Igreja a partir de Jerusalém até os confins da terra. Observemos que a seqüência apresentada corresponde exatamente à seqüência do livro de Atos: o Evangelho é anunciado primeiramente em Jerusalém e nos arredores da Judéia (até o capítulo 7, culminando com o martírio de Estevão), atinge a Samaria (cap. 8ss) e alcança os confins da terra através da obra missionária de Pedro e Paulo.



O autor preocupa-se em exortar a Igreja para que esta compreenda que a ascensão de Cristo não deve gerar comodismo. Por isso a advertência: “por que estais olhando para o céu?” (v.11). O momento agora é outro – a comunidade deve esperar em oração pelo envio do Espírito. Essa comunidade apostólica não é apenas dos onze discípulos mais íntimos, mas inclui tam’bme “as mulheres”, ainda sem nome. Infelizmente, o autor de Atos ainda não consegue (talvez devido à cultura patriarcal da época) identificar as mulheres. Mas algo, ainda que pouco, já mudara em sua concepção: as mulheres, antes sequer lembradas como importantes, são listadas embora coletivamente, na comunidade apostólica primitiva. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

### **2ª leitura – I Pedro 4.12-19 ou Atos 1 (1-7), 8-14**

A leitura para este domingo representa a parte final da exortação da carta. Ela está numa linguagem dramática e com figuras vigorosas. No vs. 12 o autor emprega a imagem da fornalha da provação. Mas antes ele adverte seus leitores a não se surpreenderem com as provações. Certamente, a fornalha lembra a purificação do ouro. O mal anda solto e eles não estão vivendo num mundo idealizado. O mal se manifesta de diversas formas. Por isso, o que estava acontecendo a eles não era algo estranho. O sofrimento é uma forma de participação no sofrimento de Cristo. Esta é a fonte da resistência e esperança. Em prosseguimento a isso, a confiança na mão poderosa de Deus é ressaltada: “encomendem suas almas ao fiel Criador, fazendo o bem” (vs. 19).

Por outro lado, essa confiança deve resultar numa disciplina de resistência: é preciso permanecer vigilantes, não subestimando os adversários. Se lermos um pouco mais além do recorte indicado pelo lecionário (I Pe 5.8), vemos que o mal é apresentado na forma de leão que ruga, que dá o sinal de que a vítima está para ser devorada. Daí ser a importância da resistência. A casa bem disposta pode resistir ao intruso, isto é, ao mal. A força dessa resistência está na participação no sofrimento de Cristo. Sem essa referência, o sofrimento não tem sentido. E a participação em Cristo que se revela na alegria, na liberdade de engrandecer a Deus e isso tem a ver com a revelação da glória de Cristo. É claro que muitos de nós não vivemos nas mesmas condições dos leitores originais da carta. Há, também, muitos debaixo da perseguição em outras terras. Aqui há outras formas de sofrimento e muita gente se pergunta: “que fiz eu para sofrer?” Por isso, a mensagem é sempre contemporânea. (*Dom Sumio Takatsu*)

### **Santo Evangelho      João 17.1-11**

Essa oração de Jesus é extremamente singular. Há uma diferença fundamental entre a oração de Jesus às vésperas de sua entrega conforme registradas no Sinóticos e esta registrada pela comunidade joanina. Nos sinóticos, Jesus apresenta-se resignado e pedindo forças diante de perigos e ameaças. Aqui em João, Jesus dirige-se ao Pai consciente de que sua missão fora cumprida e que a hora era de



glorificação. Além disso, essa oração é singular também pelo fato de que suas palavras contém um resumo de diversos tópicos da cristologia joanina: a obediência irrestrita ao Pai, a intimidade com o Pai na glorificação, a eleição e missão dos discípulos, a unidade de Cristo com o Pai e de todos nele e a perfeita consciência que Cristo tinha de seu papel na obra redentora em favor da humanidade.

Jesus inicia a oração rogando ao Pai que fosse glorificado (v. 1-5). Entre outras coisas, isso significava ser reconhecido por todos como o Filho Unigênito de Deus e Revelador do Pai. O pano de fundo é o conceito vetero-testamentário de "glória de Deus". Essa glória é a própria manifestação de Deus que, ao brilhar, afasta as trevas e leva o ser humano a reconhecer estar diante do Totalmente Outro. A glória de Deus, portanto, tem dois elementos importantes: (a) é uma manifestação visível da sua majestade; (b) essa visibilidade torna-se objetiva em atos de poder. Por isso Cristo afirma já ter glorificado o Pai na terra – cumprindo sua obra e missão, que envolvia a pregação e sinais de libertação. "Eu te glorifiquei na terra, ó Pai, consumando a obra que me deste".

A glorificação de Deus não se faz simplesmente com palavras e atos de louvor, embora isso seja importante. Glorificamos a Deus, principalmente realizando a obra que Deus nos confiou em Cristo. Sendo fiéis à nossa vocação tal como Cristo foi à sua, acontecerá naturalmente aquilo que as pessoas percebiam na vida de Cristo: "vimos a sua glória, como a do Pai". Há, portanto, uma via de mão dupla: o início da nossa própria glorificação (sermos reconhecidos como filhos e filhas de Deus) acontece naturalmente, à medida que participamos da obra e ministério do Cristo. Além disso, ao iniciar a oração (proferida às vésperas de sua prisão e morte) dizendo: "Pai, é chegada a hora... glorifica teu Filho...", Cristo mostra ainda que a sua (e, por conseguinte, a nossa) glorificação também acontece através da cruz e do sofrimento, da vida sacrificial, da vida de doação aos outros.

Infelizmente, a perícopes litúrgica quebra no versículo 11 a seqüência da segunda petição, iniciada no versículo 9: a súplica pela comunidade presente, os discípulos daquele tempo. Entretanto, a oração por seus discípulos estende-se também a nós, a comunidade futura, na medida em que Cristo roga: "Eu não peço somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, há de crer em mim". Portanto, nós também somos alvo dessas petições que incluem: a proteção e providencia ("guarda-os em teu nome..."), a unidade ("para que sejam um..."), a libertação do mal (... que os livres do mal") e a santificação na verdade (vers. 17).

A terceira petição específica para a comunidade futura, engloba principalmente o tema da unidade como pré-requisito para a missão ("que sejam um para que o mundo creia"). Esse item dá a entender que a comunidade joanina ou do discípulo amado, à época da redação do texto, já estava vivendo seu processo de aproximação e de união com a comunidade de Jerusalém.

Essa oração nos ensina, entre outras coisas, que temos o privilégio de participarmos da glória de Deus em Cristo. Isso, porém, se torna real quando nos tornamos conscientes de nosso chamado à unidade e à missão libertadora e, em consequência disso, buscamos também "manifestar o Pai no mundo" e "realizar a obra" da libertação (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).